

DUQUE ^o que Eu
CONQUISTEI

Título original: *The Duke I Tempted*
Copyright © 2018 por Scarlett Peckham
Copyright da tradução © 2020 por Editora Arqueiro Ltda.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

tradução: Geni Hirata

preparo de originais: Sheila Til

revisão: Camila Figueiredo e Taís Monteiro

projeto gráfico e diagramação: Ana Paula Daudt Brandão

capa: Aero Gallerie: aerogallerie.com

adaptação de capa: Gustavo Cardozo

foto da autora: © Scarlett Peckham

e-book: Marcelo Moraes

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

P384d

Peckham, Scarlett

O duque que eu conquistei [recurso eletrônico] / Scarlett Peckham; tradução de Geni Hirata. São Paulo: Arqueiro, 2020.

recurso digital (Segredos da Charlotte Street; 1)

Tradução de: The duke I tempted

Formato: ePub

Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions

Modo de acesso: World Wide Web

ISBN 978-85-8041-869-9 (recurso eletrônico)

1. Romance americano. 2. Livros eletrônicos. I. Hirata, Geni. II. Título. III. Série.

20-63490

CDD: 813

CDU: 82-31(73)

Todos os direitos reservados, no Brasil, por
Editora Arqueiro Ltda.
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br
www.editoraarqueiro.com.br

*Para minha mãe, minhas avós
e todas as mulheres que deixaram
seus romances espalhados por aí,
onde eu poderia roubá-los.*

A culpa disto tudo é de vocês.

(E serei eternamente grata por isso.)



Sumário

Capítulo um

Capítulo dois

Capítulo três

Capítulo quatro

Capítulo cinco

Capítulo seis

Capítulo sete

Capítulo oito

Capítulo nove

Capítulo dez

Capítulo onze

Capítulo doze

Capítulo treze

Capítulo catorze

Capítulo quinze

Capítulo dezesseis

Capítulo dezessete

Capítulo dezoito

Capítulo dezenove

Capítulo vinte

Capítulo vinte e um

Capítulo vinte e dois
Capítulo vinte e três
Capítulo vinte e quatro
Capítulo vinte e cinco
Capítulo vinte e seis
Capítulo vinte e sete
Capítulo vinte e oito
Capítulo vinte e nove
Capítulo trinta
Capítulo trinta e um
Capítulo trinta e dois
Capítulo trinta e três
Epílogo
Agradecimentos
Sobre a autora
Informações sobre a Arqueiro

Capítulo um

Threadneedle Street, Londres

31 de maio de 1753

— Maldição! – murmurou Archer Stonewell, duque de Westmead, para a escuridão noturna de seu escritório.

Ao seu lado, a única vela tremulou e se apagou, como se em solidariedade. Não havia ninguém ali para vê-lo desmoronar, um homem adulto abalado por um simples pedaço de papel enviado por uma jovem de não mais de 20 anos.

Seus dias de solteiro estão contados, meu querido irmão, Constance havia escrito, em uma caligrafia tão floreada que parecia zombar de seu infortúnio. O baile está marcado para o final de julho e vai ser sensacional. Toda dama que entrar em Westhaven vai querer sair como nada menos que sua duquesa. Tente desfrutar seu último mês de amarga e irredutível solidão, pois pretendo que se case até o outono. (E não me olhe desse jeito, Archer, sinto sua fúria no papel!)

A chuva batia em suas valiosas janelas de vitrais, companheira adequada para o pavor que se expandia em seu estômago. Normalmente, ele tinha prazer em ficar no escritório vazio, com as fileiras de livros contábeis que registravam a transformação de seus investimentos em um império e os mapas que reduziam o país a mercados só aguardando serem explorados. Aquele prédio era um templo aos deuses da ordem e do controle, e nada o deixava mais relaxado.

Mas não nesse dia.

Aquela antiga neblina já começava a baixar.

Ele não era alheio à insensatez da própria reação. Afinal, fora ele quem cerrara os dentes e declarara que o nascimento de um herdeiro para seu ducado era um dever moral urgente. Fora ele quem contratara arquitetos para restaurar os dilapidados salões de Westhaven, fora ele quem proclamara que era hora de pôr fim à decadência fantasmagórica daquela mansão e encontrar uma esposa para habitá-la.

Ele dera as ordens. Pagara para que fossem cumpridas. Ainda que preferisse a própria vida do jeito que era: deserta, imaculada, livre de qualquer coisa que lhe evocasse o passado.

Ainda que a única coisa no mundo que ele quisesse menos que uma esposa fosse um filho.

Basta.

Pegou a pena e cumpriu sua responsabilidade para com seus arrendatários, sua família e a Coroa: escreveu apressadamente uma palavra de agradecimento a Constance por seus esforços, assinou, derreteu um círculo de cera vermelha sobre o papel dobrado e a selou com o brasão do título que em momento algum desejara, mas que estava obrigado a proteger a todo custo: *duque de Westmead*.

Vestiu o casaco, apagou o fogo e desceu os degraus mal-iluminados que levavam à Threadneedle Street, onde o cocheiro o aguardava.

– Para casa, Vossa Graça?

Ele hesitou.

Vinha sendo muito, muito cuidadoso fazia muito, muito tempo.

– Vamos fazer uma parada primeiro. Charlotte Street, número 23.

Ele fechou os olhos e afundou no assento, deixando-se levar pelo compasso da carruagem que serpenteava em direção a Mary-le-Bone. Fazia semanas que não visitava aquele endereço. Desde então, os rumores sobre a existência do estabelecimento e especulações desprezíveis sobre o que acontecia lá – e o tipo de homem que o frequentava – se tornaram praticamente um esporte nos cafés e clubes de cavalheiros.

Os interesses dele eram arriscados. Aquele não era o momento ideal para ser rotulado como depravado ou algo ainda pior.

Mas a cautela tinha limites. Em certas noites, um homem precisava ser pervertido.

E ele certamente não deixaria de usufruir daqueles prazeres!

A casa parecia a mesma. Tijolos claros, um alpendre discreto; a velha porta preta sem identificação, também discreta como sempre. A rua abençoadamente deserta.

À batida, a jovem e circunspecta criada que o recebeu pegou a chave de ferro do cordão que ele levava no pescoço e o conduziu ao salão da proprietária sem tecer comentários. Elena estava sentada junto ao fogo em seus habituais trajes pretos. Ao contrário da maioria das mulheres de sua profissão, ela usava roupas sóbrias e recatadas, mais como as vestes de uma freira do que as sedas decotadas de uma cortesã. O que era apropriado, já que seu ofício estava mais para a punição do que para o prazer.

– Sra. Brearley, um visitante – anunciou a criada.

Ele não disse nada. E Elena o conhecia bem o suficiente para compreender que, se ele fora procurá-la, não estaria com disposição para as gentilezas de praxe.

– Escolha seus instrumentos, tire a roupa e espere – ordenou Elena.

A criada o levou para o quarto vazio e sem janelas. Era iluminado por velas e continha pouco mais que uma almofada no chão e um aparador. Depois que a jovem saiu, ele passou pelo ritual que aperfeiçoara ao longo de uma década naqueles aposentos. Correu o olhar pelos artigos dispostos nas prateleiras ao longo da parede: correias de couro, chicotes, todo tipo de instrumento de imobilização. Como sempre, escolheu as varas de vidoeiro, mantidas numa bacia rasa de água para permanecerem verdes e flexíveis, e um elegante chicote trançado com tiras douradas. Dispôs os itens sobre um pano de veludo deixado em um aparador para esse fim e dobrou as roupas despidas, colocando-as ao lado deles. Nu, exceto pela camisa de baixo, ajoelhou-se de frente para a parede a fim de esperar por ela.

Ela o fazia esperar. Afinal de contas, testar a resistência ao sofrimento era seu dom.

Ele ouviu os passos no corredor.

– Quietos – ordenou ela ao entrar. – Senão eu o amordaço.

Ela o vendou com um pano preto grosseiro e deu um forte nó,

repuxando o cabelo. O tecido cheirava a lixívia.

– Eu não mandei tirar a roupa?

De fato. Mas a provocação tornava os procedimentos muito mais interessantes.

Ela o pegou pelo colarinho e deu um puxão para trás. Archer sentiu um toque frio de metal na nuca: a lâmina de uma tesoura. Ouviu um corte, seguido do ruído do tecido fino sendo rasgado. Sua camisa escorregou dos ombros e caiu nas coxas. E com ela se foi a tensão acumulada no pescoço.

Ele sentia as saias de Elena roçarem sua pele enquanto ela amarrava um punhado de varas para formar a chibata. Ele se preparou, ouvindo o zumbido agudo conforme ela a testava no ar.

A primeira chicotada foi um choque, embora ele já esperasse recebê-la e a desejasse. Pressionou a palma das mãos no chão e arqueou as costas para o golpe seguinte.

Sua mente clareou.

Pela primeira vez em muitos dias ele sorriu.

Fechou os olhos de alívio e sentiu que finalmente começava a despertar.

Capítulo dois

Grove Vale, Wiltshire

14 de julho de 1753

Abrir caixotes de transporte não era atividade para uma dama, mas Poppy Cavendish duvidava seriamente de haver vantagens em ser considerada uma dama.

Posicionou a garra do martelo no último prego e puxou o cabo com toda a força que seu corpo rijo podia reunir. Esperava por aquela encomenda que levava o selo do Sr. Alva Carpenter, do outro lado do Atlântico, havia meses e não pretendia esperar nem um segundo mais.

O prego cedeu com um estalido satisfatório. O odor de folhas secas e musgo se espalhou ao seu redor. Ela fechou os olhos e respirou fundo. O ar cheirava a almíscar, terra e oportunidade.

Dentro da caixa, as bandejas de raízes e bulbos haviam sido embaladas com esmero e cada item recebera o número correspondente a uma página do catálogo de esboços mostrando as plantas maduras que se tornariam. Poppy queria muito desembrulhá-los, com cuidado para não danificar as plantas frágeis que haviam viajado tanto e para tão longe. Ela prendeu a respiração enquanto alcançava o fundo da caixa.

Suas mãos encontraram o que procuravam. *Magnolia virginiana*. Finalmente.

As mudas haviam sobrevivido à umidade e à agitação da viagem pelo mar, pelo rio Tâmis e pelas sinuosas estradas rurais de Wiltshire. Havia oito ali: galhos grossos e robustos, as folhas, antes lustrosas, agora secas e sem brilho, mas ainda intactas.

Poppy só esperava que não tivessem chegado tarde demais.

Um mês antes, ela não teria demorado a remover as folhas inferiores das mudas e transplantá-las para vasos na estufa a fim de criarem raízes. Agora esse trabalho teria que esperar. Ela as envolveu em um pano úmido e as colocou em uma nesga de luz solar para protegê-las. Havia assuntos mais urgentes para tratar.

Uma vida precisava ser salva. A dela.

Voltou a atenção para sua mesa, onde o livro-razão gordo e sujo de terra registrava, fileira após fileira, a soma impossível de dinheiro de que ela precisava para salvar seu horto e o tempo ínfimo que lhe restava para consegui-lo.

Duas semanas: era o período a que seu destino fora reduzido. Todos os seus sonhos tinham sido limitados ao que ela pudesse carregar por uma estrada rural para cinco quilômetros dali entre aquele instante e o dia primeiro de agosto.

Esfregou os olhos. Não importava de que maneira ela reorganizasse os números, eles não fechavam. A tarefa diante dela exigia pelo menos uma de duas coisas: mão de obra ou capital. Contudo, mesmo que dispusesse de dinheiro, sempre que tentara contratar trabalhadores temporários obtivera a mesma resposta exasperadora: ninguém disponível devido às reformas em Westhaven. Cada alma de Grove Vale – ou mesmo de todo o condado de Wiltshire – fisicamente apta para trabalhar tinha sido contratada pelo duque de Westmead.

Se Poppy não conseguisse contratar mais gente, não conseguiria transferir o horto e seu futuro estaria à mercê de... *Pare*, ordenou a si mesma. Se deixasse os pensamentos vagarem naquela direção, sua mente afundaria num turbilhão de cenários cada vez mais desastrosos. Ela precisava se concentrar nas tarefas possíveis. Sua única salvação era agir depressa.

– Poppy.

Ela deu meia-volta. Um homem de ombros largos estava parado à porta do galpão, encostado no batente com tal senso de propriedade que parecia ter ele mesmo construído o lugar.

– Tom! – exclamou ela, levando a mão ao coração como a velha

solteirona que sem dúvida estava fadada a se tornar.

A habilidade de Tom Raridan de ir e vir sem ser detectado era seu maior talento. Ainda que ele fizesse isso desde que os dois eram crianças, Poppy continuava a se assustar.

– Poppy – repetiu ele, correndo os olhos por ela da maneira que a deixava desconfortável.

Tom nunca fora um homem franzino e se tornara ainda mais corpulento nos dois anos que passara na cidade grande. Longe do sol de verão de Wiltshire, seu cabelo estava mais escuro – sem o tom flamejante da infância, tendia agora para o castanho-avermelhado. Mas o sorriso era o mesmo de quando ela o vira pela última vez. Um pouco familiar demais.

– Eu vim assim que soube do seu tio – disse ele. – Você deveria ter escrito para mim. E pensar que descobri pela correspondência de minha mãe...

Maldição. Ele estava certo. Ela estava tão mergulhada em pânico pela morte súbita do tio e no caos que isso provocara em sua vida que não tratara de forma adequada as sutilezas do luto. Não enviara cartas. Não seguira tradições. Seu bondoso tio gostava muito de Tom e merecia melhor tratamento.

– Desculpe, Tom. Receio que tenho andado preocupada. O herdeiro de tio Charles chega daqui a quinze dias para tomar posse de Bantham Park. Precisei me apressar para... organizar meus pertences.

– Quinze dias? – repetiu ele, e soltou um assobio em direção às prateleiras de plantas e mudas ao redor, as paredes forradas do chão ao teto com ferramentas, vasos e sacos de sementes e musgo. – E o que vai fazer com tudo isto?

– Meu tio me deixou a casa de campo em Greenwoods, a única parte de seus bens que ele podia alienar. Eu pretendo mudar o horto para lá.

– Transportar um horto inteiro? Como espera fazer isso?

Ela suspirou.

– Com muito esforço.

Tom balançou a cabeça.

– Você sempre adorou uma tarefa impossível. Nunca o caminho mais

fácil para a nossa Poppy.

Ela suspirou de novo. Ele não estava errado, mas Poppy se cansara do hábito dele de comentar assuntos que não eram de sua conta.

Não que apenas Tom houvesse feito esse comentário. Poppy tinha a reputação de ser impossível, embora não gostasse. A questão era que o tal caminho fácil raramente a levava aonde queria. O mundo não fora feito para moças solteiras ambiciosas. Era preciso ser bastante exigente e impopular se quisesse uma chance de sucesso.

Porém nem mesmo ela teria assumido por opção uma tarefa tão insana. Durante anos, o tio deixara claro que ela herdaria sua fortuna particular. Somente na leitura do testamento fora revelado que Bantham Park vinha sendo improdutiva fazia mais de uma década.

Não havia fortuna particular. Seus sonhos e seu sustento dependeriam dos caprichos de um primo distante que ela nunca conhecera.

E o tio, o querido velhinho que ela amava e em quem confiava mais do que em qualquer outra pessoa, de alguma forma não tivera coragem de lhe contar aquilo.

– É um dia lindo demais para ficar neste velho barracão bolorento preocupando-se com plantas – declarou Tom, folheando o livro-razão com desagrado. – Venha comigo dar uma volta no jardim.

Ela olhou para o livro-razão e hesitou. Não tinha tempo para passeios. Mas Tom podia ser difícil. Era mais simples ceder à sua vontade e esperar que ele ficasse entediado e fosse embora do que contrariá-lo.

– Está bem. Mas só até a estufa. Tenho que terminar a poda enquanto ainda está claro.

O caminho que saía do galpão atravessava seu pequeno império, deslumbrante ao sol de verão. O horto e os jardins murados resplandeciam com a vegetação florida de julho. No campo mais além, cresciam bosques de árvores frutíferas e suas preciosas mudas exóticas, juntamente com fileiras e mais fileiras de árvores inglesas. Raios de sol dançavam no telhado da pequena estufa, onde suas flores se banhavam na luz da tarde. Poppy mal podia acreditar que, em duas semanas, perderia tudo aquilo.

– O que perdi em Grove Vale nestes últimos meses? – perguntou Tom, aproximando-se para que seu braço tocasse o dela.

Poppy se afastou.

– A reforma de Westhaven está quase concluída. Você deveria ir até lá para ver a casa. Virou um palácio. Eu até já vendi algumas árvores para eles.

Tom olhou para ela com interesse.

– Fez negócios com o duque? Tenho um empreendimento em que ele pode ter interesse em investir. Daria minha mão direita para ser apresentado a ele.

Ele piscou para Poppy.

– Receio que meus negócios não tenham sido com ninguém mais importante do que o jardineiro-chefe. Ele próprio já é um sujeito bastante autoritário. Se o jardineiro é tão arrogante, tremo só de pensar em como deve ser o duque.

Ela olhou para o céu. Estava ficando tarde. Precisava voltar ao trabalho.

– Foi gentil da sua parte vir, Tom – disse ela, esperando que ele entendesse a deixa. – Desnecessário, mas gentil.

– Poppy, quando o assunto é você, nada é desnecessário.

Ela preferiu ignorar as segundas intenções na voz dele e caminhou mais rápido em direção à estufa, mas ele a fez parar embaixo de uma antiga macieira. Audaciosamente, segurou a mão dela.

– Permita-me esta liberdade – sussurrou, depois deu um beijo no pulso dela.

O pavor revirou as entranhas de Poppy. Claro. Aquele era o motivo para ele ter se dado o trabalho de sair de Londres quando uma carta de condolências teria sido suficiente.

Agora que ela estava sozinha, ele achava que teria uma chance.

– Tom, por favor – falou Poppy, retirando a mão.

Ele se aproximou mais, ainda assim.

– Você sabe por que vim, não sabe? Nunca fiz segredo do meu apreço por você. Minha posição em Londres é segura, tenho o suficiente para construir uma vida para nós na cidade.

Ele se ajoelhou na grama, um sorriso gentil e intenso nos olhos.

– Poppy, me dê a honra de ser minha esposa.

Ela queria muito que ele se levantasse.

– Fico lisonjeada. Mas você, mais que qualquer um, sabe que não tenho intenção de me casar.

Ele exibiu um sorriso enviesado e esperançoso.

– Você *finge* que não quer se casar para poupar as pessoas de pensarem que ninguém vai querê-la. Não precisa mais fazer isso. Você não vê? Você não é o que a maioria dos homens quer, mas é o que *eu* quero. Toda aquela conversa fiada sobre você ser uma solteirona louca, eu vou desmentir.

Ela se irritou.

– Você não vai fazer nada disso. Por favor...

– Poppy, não seja tola. Não pode ficar aqui sozinha. Deixe todos esses arbustos para trás – disse ele, gesticulando para as plantas que ela cultivava com tanto carinho desde a infância. – Vou comprar vestidos novos para você. Teremos aposentos privados, uma cozinheira e uma empregada. Em poucos anos possuirei o suficiente para comprar um cavalo. Até mesmo antes, se eu conseguir encontrar um lugar melhor. Venha para Londres comigo. Como minha esposa.

– Não – disse ela com firmeza.

A paixão que sentira inicialmente por decepcioná-lo fora destruída a cada frase do discurso dele.

– E, por favor, levante-se – completou.

O rosto dele se transfigurou. A luz de seus olhos se embaçou, depois escureceu. Ela desviou o olhar.

– Desculpe, Tom. Mesmo. Sou grata por sua amizade. Mas minha vida é aqui.

As faces dele se ruborizaram.

– Amizade. É assim que você chama? Porque eu poderia chamar de outra coisa. Ou você distribui seus favores a todos os amigos?

Ela fechou os olhos. Fora um único momento na floresta. Um momento muito breve, fazia quase cinco anos, quando ele fora ajudá-la a colher musgos. Ela rira de algo que ele tinha dito e ele a empurrara contra